



O USO DAS REDES SOCIAIS COMO RECURSO PEDAGÓGICO FACILITADOR DAS PRÁTICAS DE LEITURA¹

NETWORKS USE AS PEDAGOGICAL COURSE TO FACILITATE PRACTICES OF READING

Erick Rodrigo Santos Almeida²
Amarildo Menezes Gonzaga³

Resumo: Investigação sobre a dinâmica do ensino-aprendizagem nas redes sociais virtuais, a partir da aplicação de oficinas de leitura. Busca-se conhecer em que condições os contextos virtuais auxiliam nas formas de aprendizagem, principalmente aqueles que oportunizam práticas de leitura em ambiente virtuais. As bases teóricas que embasam o percurso investigativo sustentam-se em abordagens sobre as redes sociais e as formas de aprendizagem em rede. Para tanto, como referências básicas utilizamos Ricotta (2013); Hall (2012); e, Miranda (2011). No que tange ao percurso metodológico, parte-se de uma abordagem qualitativa que visou descrever as ações usadas nesse processo a fim de entender em que e como esses ambientes podem favorecer as práticas de leitura. Consoante às técnicas, utilizou-se o questionário, a observação e as oficinas. Enquanto resultados, percebe-se, a partir das falas dos sujeitos, que os tipos de ambiente em enfoque podem ser empregados como facilitadores dessas práticas, principalmente, quando usados de forma planejada e aberta a serem conduzidas pelos interesses dos alunos, já que estes espaços têm sido bastante usados em virtude dos recursos oferecidos por elas.

Palavras chave: Aprendizagem Social. Redes Sociais Virtuais. Práticas de Leitura.

Abstract: Research aboding the teaching and learning dynamics in virtual social networks, through the application of reading workshops. It try to recognize what conditions virtual contexts help in the learning forms, especially those who worked with reading practices in virtual environment. The theoretical bases that underlie this investigative course support in approaches to social networks and forms of networked learning. We use as basic references Ricotta (2013), Hall (2012), and Miranda (2011). Regarding the methodological approach, one starts from a qualitative approach that aimed to describe the actions used in this process in order to understand where and how these environments may favor the reading practices. As techniques, it used the questionnaire, observation and workshops. As results, it can be seen from the subjects' statements, that the types of environment in approach can be employed as facilitators of these practices, especially when used in a planned and open to be conducted by the students' interests, since these spaces have been widely used because of the features offered by them.

Key words: Social Learning. Virtual Social Network. Reading Practices

¹ Trabalho aprovado no XV Encontro Nacional de Educação em Ciências (ENEC), na Universidade de Algarve – Portugal.

² Mestrando. Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Brasil. erickalmeidamao@gmail.com

³ Doutor. Instituto Federal do Amazonas – IFAM, Brasil. amarildo.gonzaga@yahoo.com.br

Introdução

A análise do impacto crescente das redes sociais no desenvolvimento dos processos de interação, formação de grupos de interesse e partilha, bem como na sua utilização nos processos de educação, principalmente àqueles ligados às práticas de leitura, constitui o objetivo deste trabalho, cujo cenário utilizado foi uma escola pública da cidade de Manaus, mais especificamente com alunos de uma turma de nono do Ensino Fundamental. Intencionamos demonstrar em que condições os contextos virtuais auxiliam nas formas de aprendizagem social, principalmente aqueles que oportunizem as práticas de leitura. Para tanto, propomos o uso das redes sociais como percurso pedagógico, servindo-nos por conta de algumas de suas características, dentre elas: uso em demasia atualmente, se constituírem como espaços bastante dinâmicos, oportunizarem acesso contínuo e constante a suas plataformas.

Partimos do princípio de que as relações sociais contemporâneas estabelecidas a partir dos agrupamentos sociais no ciberespaço, associadas ao uso da internet como dispositivos de comunicação, avançam as reflexões e as perspectivas atuais sobre aprendizagem social e gestão do conhecimento. Nesse sentido, como parte integrante da cultura social das sociedades modernas, a lógica de 'estar em rede' determina largamente os processos que envolvem sociabilidade, fornecendo através das tecnologias da informação a base da sua extensão à sociedade (SOARES, 2010).

Essa sociedade em rede surge, segundo Castells (2002), em virtude de três fatores primordiais. O primeiro diz respeito a nossa capacidade de gerar conhecimentos e processar informações, o que nos consolida como uma sociedade altamente informativa, que tem determinado reiteradamente os processos de produtividade e de competitividade. O segundo surge do fato de o mundo ter se desenvolvido a partir da oferta de atividades de infraestrutura estratégica que o fazem funcionar basicamente de forma integrada, interconectada. Por fim, como resultado dessas duas dinâmicas anteriores, tem-se uma nova disposição na organização da sociedade pós-industrial gerada, sobretudo, pelos dogmas da conectividade da economia global, que vem impondo processos e vivências cada vez mais globalizados.

A dinâmica advinda desse processo de reestruturação social proposto por Castells (2002) proporcionou novas conexões entre as pessoas nos sites das redes sociais, que, por seu turno, têm se configurado como um complemento às relações naturais, principalmente por conta dos recursos de aprendizagem social, que consideram que as pessoas aprendem umas com as outras através da observação do comportamento (SOARES, 2010).

Uma das características principais dos sites de redes sociais é a liberdade de acesso e de articulação entre as informações, refletindo-se, assim, o princípio da flexibilidade hipertextual e a capacidade da aprendizagem social a partir do compartilhamento e reprodução de conteúdos e manifestações de comportamento na rede.

A partir das reflexões desenvolvidas, nos apoiamos nas perspectivas dos sites de redes sociais partindo de uma compreensão mais ampla sobre a aprendizagem social no contexto do ciberespaço, debatendo não apenas sobre ela, mas como as redes formadas entre as pessoas criam estruturas e oportunidades para o desenvolvimento de práticas de leitura em seus espaços. Com isso, fazemos ainda a análise das falas dos sujeitos envolvidos na oficina de leitura, compreendendo como estes tipos de ambiente podem ser empregados como facilitadores nas práticas de leitura, principalmente quando usados de forma planejada e aberta, ou seja, conduzidas também pelos interesses dos alunos. Isso acontece, em virtude dos contatos entre amigos e das formas de entretenimento que essas redes oferecem.

Para consolidarmos essa proposta, exploramos, a seguir, sobre a estrutura e os recursos disponíveis nas redes sociais virtuais e suas contribuições para as práticas de leitura.

Redes Sociais

A ideia de rede surge como uma grande metáfora que representa os tempos atuais, mas que ainda precisa ser analisada, melhor compreendida e, no caso deste estudo, mais otimizada no processo educacional. Essa forma de organização vem conquistando novos espaços e formas de agir, baseadas na colaboração e cooperação entre os segmentos envolvidos e tem se consolidado a partir do desenvolvimento de ferramentas tecnológicas, principalmente àquelas desenvolvidas com o advento da Internet. Essa dinâmica tem feito emergir novas formas de relação, comunicação e organização das atividades humanas.

As redes sociais vêm atingindo as mais diversas esferas e campos do conhecimento, desde o plano econômico, ao científico e ao cultural, entre outros. Têm ainda sido utilizadas para muitas finalidades, principalmente para estabelecer comunicação interpessoal, sendo explorada como instrumento de ativação de movimentos sociais e culturais, como a luta dos direitos humanos, feministas, ambientalistas etc.

O contexto descrito demonstra que as redes sociais, no geral, têm se tornado espaços que funcionam como mediadores sociais, favorecendo a criação de relacionamentos onde o usuário pode se juntar às pessoas do seu círculo de amizade, como também conhecer outras com quem compartilhe os mesmos interesses e discutir temas variados, construindo um elo entre os espaços privados e públicos.

Ainda que, para a reunião em redes sociais, existam motivações comuns, elas se manifestam, porém, de diferentes formas. Algumas pessoas, por exemplo, preferem reunir-se em redes *comunitárias*, que costumam ser estabelecidas em bairros ou cidades, tendo, em geral, a finalidade de reunir os interesses comuns dos habitantes, melhorar a situação do local ou prover outros benefícios; há aquelas, que devido aos interesses profissionais, optam pelas redes *profissionais* caracterizadas a partir das práticas conhecidas como networking, tal como o LinkedIn, que procura fortalecer a rede de contatos de um indivíduo, visando futuros ganhos pessoais ou profissionais; por fim, temos as redes *sociais online*, tais como Facebook, Orkut, MySpace, Twitter, Badoo WorldPlatform, que se configuram como um serviço online, através de uma plataforma ou site que visa à construção e à reflexão de redes ou

relações sociais entre pessoas, que, por exemplo, compartilham interesses e/ou atividades, dentre elas as de bate-papo, de jogar com os amigos, entre outras funções. (MACHADO, TIJIBOY, 2005).

Nessa gama de opções existentes entre as redes sociais online, podemos destacar o Facebook que, segundo estimativas, já possui cerca de 1 bilhão de usuários que dispendem em média 750 minutos por mês verificando os vários recursos que é oferecido por este site de relacionamentos. No Brasil esse número já alcança 37,7% da população, isto é, cerca de 72 milhões de brasileiros já tem uma conta no Facebook. Os números brasileiros são realmente impressionantes já que hoje 7,3% do número de usuários do Facebook estão em terras tupiniquins, o que representa o segundo maior país com números de assinantes nesta rede social. Para se ter uma dimensão da popularidade desta rede social por aqui, nos meses de março, abril e maio deste ano enquanto a média mundial de crescimento de assinantes do Facebook era de 1,6%, a média de novas adesões no Brasil marcou impressionantes 5.3%. Dentre as particularidades desses números podemos citar a participação maciça dos jovens que correspondem a 84,5% dos usuários brasileiros. (RICOTTA, 2013)

Então, no intuito de explorar mais especificamente as redes sociais virtuais ou online, tratamos na próxima unidade sobre as características desses ambientes virtuais, assim como sobre sua colaboração no que tange as formas de aprendizagem nesses espaços.

Redes Sociais Virtuais (Online)

Essas redes, a priori, não podem ser confundidas com as mídias sociais. Embora muitas pessoas ainda confundam os dois termos, utilizando-os alternadamente, as mídias sociais, enquanto conceito mais amplo, referem-se às atividades, práticas e comportamentos entre as comunidades ou pessoas que se reúnem online para compartilhar informações, conteúdos, conhecimentos e opiniões, utilizando esses espaços como interface para essa troca. Nesse cenário, encontram-se também as redes sociais, que são tidas como uma categoria das mídias sociais, já que tratam do compartilhamento de informações e conteúdos específicos apenas entre amigos, colegas de profissão e outras pessoas pertencentes a um círculo restrito de contatos (SAFKO e BRAKE, 2010).

O próprio conceito de mídias sociais (*social media*) precede a internet, as redes sociais e ferramentas tecnológicas, pois, ainda que não fosse utilizado na perspectiva atual, sempre foi usado para tratar da produção de conteúdos de forma descentralizada e sem o controle editorial de grandes grupos, significando a produção de 'muitos para muitos'. Isto é, as mídias sociais se referem aos meios de interação entre pessoas pelos quais elas criam, compartilham, trocam e comentam conteúdos em comunidades e redes virtuais. As ferramentas das mídias sociais são sistemas online projetados para permitir a interação social a partir do compartilhamento e da criação colaborativa de informação nos mais diversos formatos. Elas possibilitam a publicação de conteúdos por qualquer pessoa, baixando a praticamente zero o custo de produção e distribuição desses bens.

As rede sociais, por seu turno, são uma estrutura social composta por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, que partilham valores e objetivos comuns. Uma das características fundamentais na definição das redes é

a sua abertura e porosidade, possibilitando relacionamentos horizontais e não hierárquicos entre os participantes. Representam, portanto, não apenas uma forma de estrutura social, mas quase uma não-estrutura, no sentido de que parte de sua força está na habilidade de se fazer e desfazer rapidamente (WIKIPÉDIA, 2013).

Essa dinâmica quando convergida aos propósitos e intencionalidades educacionais, relacionada a participação nas comunidades virtuais, nos Profiles⁴ ou nas Fan Pages⁵ geram diversos comentários e debates, constituindo-se como um espaço de encontro mais que apropriado para ser explorado (MACHADO; TIJIBOY, 2005).

Apesar de termos uma grande parcela da população sem acesso ao mundo virtual, o número de conectados cresce a cada dia. Atualmente, segundo dados do PNAD (2011), o quantitativo de pessoas no Brasil que utilizam a internet já é de 46,5%, entretanto se delimitarmos esse público apenas para os jovens entre 15 a 24 anos chegamos a marca de 70,7% da população jovem nacional, que, de alguma forma, já participam do mundo e das comunidades virtuais, o que tem se tornado um hábito no cotidiano dos internautas, que buscam, quase sempre, a interação e a socialização de seus interesses (IBGE, 2013).

Há, evidentemente, elementos importantes para a efetiva participação desses usuários em uma comunidade virtual e para que nelas permaneçam, é preciso também que estejam motivados, que tenham tempo disponível e que encontrem pessoas envolvidas em torno das discussões na sua área de interesse. Cabe ainda ressaltar a necessidade de se ter um domínio técnico mínimo para a utilização dos recursos e estabelecimento de comunicações, do contrário, essas experiências podem assumir uma caráter totalmente efêmero e desterritorializado, visto apenas como um lugar de passagem sem qualquer vínculo.

Os recursos dessa rede social virtual são de conhecimento público e muito bem utilizados por todos, a começar pelo acesso gratuito da página, ela ainda permite aos usuários a possibilidade de criarem perfis, fazer upload de fotos, participar de um grupo pré-existente ou começar novos grupos. O site tem também muitos componentes, incluindo: a timeline, um espaço na página de perfil de cada usuário, onde os usuários podem postar seus conteúdos e os amigos podem postar mensagens; o Status, que permite aos usuários para alertar os amigos para a sua localização atual ou a situação; e feed de notícias, que informa aos usuários de mudanças nos perfis e status de seus amigos. Além de tudo isso, os usuários podem conversar uns com os outros, enviando mensagens privadas entre si e ainda podem sinalizar a aprovação de conteúdos publicados no Facebook com o botão Curtir (HALL, 2012).

Diante do exposto, percebemos a gigantesca contribuição das redes sociais para a mobilização dos saberes e reconhecimento das diferentes identidades e a articulação dos pensamentos que compõem a coletividade. Por isso, é possível a escola fazer uso dessas redes sociais levando em consideração as intervenções intencionais dos professores, que podem funcionar como agentes capazes de contribuir para o aprofundamento dos temas, na síntese de ideias e no levantamento

⁴ Termo comumente usado para designar o perfil de alguém em site de relacionamentos, tais como: Facebook, Orkut, etc.

⁵ Recurso do Facebook que permite que empresas, organizações e marcas criem páginas para compartilharem suas histórias e se conectarem com as pessoas.

de aspectos significativos e nos secundários, na análise crítica dos dados.

A partir desse delineamento feito a respeito das redes sociais e de suas características, principalmente, àquelas que favorecem o seu uso como um recurso pedagógico, discutimos, a seguir, os desafios a serem alcançados para a sua utilização dentro do espaço escolar de maneira mais frequente e natural.

O uso das redes sociais no contexto escolar

Embora a escola apresente alguns conflitos em decorrência da utilização das redes sociais e por conta da descentralização do papel que o professor deverá ocupar, aquelas não devem servir como condições desestimuladoras. Para isso é requerido uma mudança de paradigmas de poder. Isto é, se antes o professor tinha um controle maior sobre os saberes que circula nas salas de aula, com esta nova possibilidade, ele perde o controle deste espaço e do grupo, não tendo mais uma turma fixa de alunos, pois qualquer um pode participar desse processo, bastando apenas estar 'logado' à rede e interagir, em qualquer espaço e horário (MACHADO, TIJIBOY, 2005).

As escolas podem se utilizar das redes sociais também para dar significado às experiências dos alunos, servir como um espaço público de discussão sobre os diferentes temas propícios para trabalhar as relações sociais e os laços afetivos, além de diagnosticar preferências, desenvolver o pensamento holístico, trabalhar a linguagem digital, criar situações-problema sobre os mais variados assuntos, trabalhar cooperativamente assuntos de interesse do aluno e estabelecer inúmeras estratégias, de acordo com a criatividade e objetivos dos alunos e professores.

Quando convergidas aos propósitos educacionais, as redes sociais em questão passam a ser mais um canal que permite aos estudantes demonstrar os seus resultados de aprendizagens através de criação de novos conteúdos, que, por seu turno, implicam no desenvolvimento de suas competências e no aumento de suas capacidades crítica e criativa. Essas plataformas possibilitam ainda que os alunos possam assistir e se beneficiar da revisão de suas produções pelos seus pares.

O uso mais frequente de ambientes virtuais de aprendizagem tem sido cada vez mais urgente e necessário, principalmente estes que se configuram a partir de redes de relacionamentos e que permitem a exploração de novas formas de ensino e aprendizagem. Elas vêm se apresentando como uma alternativa às plataformas tradicionais de aprendizagem, que cada vez mais têm encontrado resistência na contemporaneidade dos ciberespaços. Essa nova alternativa acontece em virtude delas focarem o espírito colaborativo e de comunidade, combinando o perfil individual com ferramentas interativas de grupo, tais como: chats, blogs, fóruns de discussões (MIRANDA et al, 2011).

As redes sociais, quando usadas da forma citada, além de promover atividades mais integradoras e estimulantes pode, a partir de seu suporte dinâmico e agregador de informações, servir como espaço para troca de mensagens instantâneas, constituindo-se, assim, como lugar prático para experiências prazerosas e significativas de leitura, já que essas potencialidades permitem aos seus usuários o encontro constante e contínuo para o estabelecimento de comunicação entre seus pares a fim de consultá-los para os mais diversos interesses e necessidades.

Essas perspectivas apresentadas e o enorme sucesso das redes sociais têm, em geral, possibilitado um fluxo mais intenso no compartilhamento de informações, o que têm gerado novas oportunidades de sociabilização nos âmbitos pessoais, profissionais e educacionais. É a partir dessas oportunidades educacionais que este trabalho foi idealizado, no intuito de desvelar em que condições esses contextos virtuais auxiliam nas formas de aprender, pensamos no uso das redes como ferramenta pedagógica que estimulem as práticas de leitura pelos alunos.

Essa intencionalidade acontece, sobretudo, por acreditarmos que a escola, mais do que utilizar o computador como uma simples ferramenta dinamizadora da educação, deve buscar alternativas tecnológicas que possam funcionar como mediadoras e transformadoras do processo educacional, permeadas por novas formas de sociabilidade. Nesse sentido, as redes sociais virtuais surgem como uma proposta viável e necessária, já que podem, se delineadas para essa finalidade, se configurar como recurso mediador de práticas pedagógicas dinâmicas e alternativas que possibilitem novas formas de aprender coletivamente. É justamente sobre essas novas formas de aprendizado, proporcionado pelas redes sociais que abordamos na próxima unidade.

Aprendizagem Social em Rede

Quando optamos por participar ou não de uma rede social, muitas vezes, confiamos numa informação ou julgamento externo a nossa experiência pessoal, por isso, constantemente, a decisão de novos usuários de se inserirem nas redes depende bastante das informações, das experiências e do comportamento de outras pessoas vinculados a elas. As pessoas, comumente, aprendem e desenvolvem opiniões sobre o valor das novas tecnologias na medida em que outros indivíduos se apropriam e propagam as informações referentes às suas experiências com esses equipamentos. Nessa dinâmica, as pessoas mais susceptíveis quase sempre recorrem aos seus amigos e conhecidos para fundamentar suas posições e decisões (SOARES, 2010).

Essa perspectiva é decorrente do fato de as pessoas enfrentarem grandes dificuldades na tomada de decisão para as questões do cotidiano, para isso entendem que outras pessoas encontram-se em situações similares e, por isso, possuem as informações e as experiências necessárias para a busca de resultados análogos. Tal postura decorre da teoria da aprendizagem social que supõe que o ser humano é um agente intencional e reflexivo, dotado de prerrogativas de autodireção, no que concerne ao seu comportamento. Isto implica que o seu sistema simbólico de autoestimulação ocorre a partir de um estímulo externo e uma resposta manifesta. O sistema de autorregulação e autocontrole, da mesma forma, se dão a partir da percepção das consequências do comportamento, levando em conta que os processos cognitivos são adquiridos pela observação de um modelo (BANDURA, 1989).

As redes sociais configuram-se como espaços demasiadamente propícios à sistemática da aprendizagem social, pois, nestes ambientes, os alunos definem seus próprios objetivos de aprendizagem, já que o fazem quando são movidos tanto pelo ambiente quanto pelos fatores pessoais. Evidentemente que a influência exercida por esses fatores variam de indivíduo para indivíduo, de acordo com a situação apresentada, podendo o fator ambiente prevalecer sobre os fatores pessoais e vice-

versa.

Neste sentido, podemos inferir que a aprendizagem social pode utilizar-se da perspectiva das redes sociais, pressupondo o uso de seu potencial informacional e de experiências coletivas e, a partir dela, permitir a validação do fluxo permanente das práticas de ouvir/ler, observar, fazer/repetir e compartilhar essas informações e experiências para aquisição de novos conhecimentos. Isto implica que não se pode determinar uma estrutura linear e previsível para se aprender alguma coisa na rede, ou seja, as formas de aprendizagem neste espaço se consolidam através de um sistema de autorregulação e autocontrole, em que cada indivíduo, a partir da percepção das consequências do comportamento de outros usuários, considera os conhecimentos ou comportamentos com os quais se identifica. Nessa dinâmica, os processos cognitivos são adquiridos pela observação de um modelo (BANDURA, 1989).

De acordo com Bandura (1989), cada indivíduo possui uma espécie de autossistema que o possibilita realizar uma avaliação sobre o domínio que exerce sobre seus pensamentos, sentimentos, motivação e ações. Este sistema estabelece referências mecânicas e um conjunto de subfunções que percebem, regulam e avaliam o seu comportamento. Estes resultados são provenientes da interação entre esse sistema e as influências do ambiente.

As redes sociais virtuais, a partir das práticas de interação orientadas para a partilha e formação de grupos de amigos e/ou interesses comuns, configura-se como um espaço propício para a aprendizagem social. Sobretudo quando pensada a partir da sociedade atual, a qual podemos intitular de Sociedade do Conhecimento, cujo espírito da construção coletiva e colaborativa constitui uma das principais características destas organizações que, por seu turno, garantem maior flexibilidade e facilidade para o entendimento dos complexos sistemas de informação, aprendizagem e conhecimento.

A maior facilidade em entender os complexos sistemas de informação, aprendizagem e conhecimento na contemporaneidade é decorrente dos processos de interação que, quase sempre, podem ser estendidas para além do ciberespaço, incidindo igualmente, de forma mais particular, nas práticas de mediação social e cognitiva entre os membros que integram as redes, transformando o conjunto dessas ações numa atividade coletiva e também numa experiência de conhecimento partilhado em comunidade. Em síntese, o conhecimento elaborado no âmbito da rede constitui uma representação coletiva e partilhada pelos membros do grupo.

As redes sociais constituem-se por meio de um processo dinâmico de participação e envolvimento, cuja variação na intensidade e as formas da presença social e cognitiva dos seus membros consolidam-na num sistema flexível, ainda que complexo.

Tal flexibilidade, inerente às redes sociais virtuais, legitimam-na em um modelo organizacional horizontal, não-hierarquizado e, em termos de processos interacionais, sem um comando central; caracterizado ainda pela fluidez dos percursos e trajetórias da interação nos universos digitais e pela densidade das experiências sociais. Nesse sentido, a flexibilidade constitui a capacidade de ressignificação dos sentidos e dos objetivos dessas redes, cuja implicação apresenta novos desafios para o pensamento educacional, nomeadamente ao nível

da inovação nos contextos e práticas de aprendizagem para a Sociedade do Conhecimento.

As mudanças tecnológicas têm implicado em inúmeras alterações na forma de compreender os processos de interação e comunicação social, assim como os processos de construção da aprendizagem e do conhecimento. Dentre as mudanças, podemos destacar a própria noção de rede que, dentro de um cenário globalizado, tem se consolidado como um novo modo de organização de grupos e comunidades as quais vem se legitimando cada vez mais através de suas manifestações nos espaços digitais emergentes.

Somado a esse fator, a rede mundial de computadores também se caracteriza, conforme mencionado anteriormente, pelas enormes conexões, links, hiperlinks e o acesso a eles têm sido cada vez mais facilitado em razão da disponibilização de um imenso repertório tecnológico. O uso dessa tecnologia tem possibilitado, ainda, o desenvolvimento de novas formas interativas e colaborativas de aprendizagem, já que, atualmente, estes espaços e recursos são amplamente dominados por jovens estudantes.

Depois da abordagem sobre as potencialidades das redes sociais para fins pedagógicos, explicitaremos, na próxima unidade, nossa experiência quanto ao uso do Facebook, enquanto rede social virtual, como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento de práticas de leituras em ciberespaços.

Percurso Metodológico

Falar sobre as histórias dos sujeitos presentes no ambiente escolar nos move em virtude do sentido que essas histórias podem trazer, dada sua representatividade, na memória daqueles que constroem esse processo e daqueles que virão a vivenciá-lo e, assim, conseqüentemente, tendemos a ter uma maior clareza da importância do porquê de uma educação para a vida.

Com esse propósito, este trabalho adotou um contexto escolar para efeito de compreensão de um fenômeno que se apresentou ao nosso grupo de pesquisadores que, desde 2011, está vinculado ao POE (Projeto Observatório da Educação/CAPES/UEA), se propondo a fazer uma análise do desempenho avaliativo dos estudantes do 8º e 9º anos em uma escola pública de Manaus (E.E. Arthur Araújo), pautando-se no campo interdisciplinar Língua, Matemática e Ciências Naturais na Educação Básica, sem perder de vista o processo de iniciação destes sujeitos nas Ciências, entendendo o modo como eles representam o que aprendem, como colocam em prática o que aprendem e como todo esse aprendizado reflete no cumprimento das metas estabelecidas no Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE).

A maneira de compreender o fenômeno em questão delineou-se a partir da compreensão de que o ser humano é um devir e de que as possibilidades são ligadas e criadas pela própria existência e por isso, “[...] devemos compreender também que, diante de uma mesma situação, as pessoas podem criar formas das mais diversas para lidar com a mesma” (BAPTISTA, 2007, p. 207).

No entanto, importa ressaltar que “não desconsideramos a possibilidade dos condicionamentos, mas também consideramos que o ser humano é capaz de transcender a estes das mais diversas maneiras” (BAPTISTA, 2007, p. 207). Ou

seja, não temos o objetivo de quantificar as experiências pesquisadas e, com isso, excluir aqueles que não apresentam a mesma experiência que a maioria, uma vez que, em termos quantitativos, os que não se enquadram na média também fazem parte do mundo como possibilidades de existência.

Feito esse delineamento, propomos um trabalho que se enquadra em uma pesquisa de cunho qualitativo, visto que as experiências que nos propusemos a investigar e analisar foram obtidas por meio de observações feitas durante a realização de uma oficina de leitura com os alunos de uma das turmas de nono ano do turno matutino, e também pela aplicação de um questionário individual, usados para entender as experiências e vivências destes estudantes na referida oficina. A partir desses métodos (TRIVIÑOS, 2008; BAPTISTA, 2007), observamos como era compreendida e vivenciada a leitura pelos alunos, principalmente quando eles assumiam a condição de protagonistas nas atividades, para isso, interagimos com os pesquisados, acompanhando as ações praticadas por estes sujeitos.

Nossa intervenção, com finalidades investigativas, surge no contexto da referida escola em que o grupo desenvolvia o Projeto Observatório da Educação e foi realizada entre os dias 21 e 25 de outubro do ano corrente, com alguns alunos da turma do 9º ano 1, do turno matutino. No primeiro dia, foi utilizada uma sala de aula na qual foi feita a explanação do que havia sido planejado enquanto oficina de leitura e propósito da mesma. Com o consentimento de todos os presentes, foi dado início a atividade que iniciou com uma conversa informal na qual se buscou verificar as formas que eles entendiam, usavam e avaliavam as redes sociais, principalmente o Facebook. A partir desse momento preliminar, projetamos uma postagem compartilhada pela Fanpage do POE no Facebook e, em seguida, suscitamos deles explicações sobre o conteúdo publicado e também partilhamos do nosso ponto de vista à respeito do material. Com essa etapa consolidada, foi solicitado aos alunos que escrevessem numa folha de papel um comentário que demonstrassem o que haviam entendido da postagem, assim como o sentido que elas traziam para si mesmos. Ao final da atividade do primeiro dia, foi feita uma correção gramatical do que havia sido escrito pelos alunos a fim de deixá-los mais à vontade para fazerem os comentários sem nenhum receio de críticas de cunho ortográfico.

O segundo dia de atividades da oficina de leitura foi realizado no laboratório de informática da escola, que apresentava pouquíssima estrutura para dar seguimento ao que tinha sido planejado, já que este local parecia mais um depósito de livros e de outros materiais usados no expediente escolar. Outro empecilho encontrado foi o número muito reduzido de computadores disponíveis e funcionando, o que atrasou e dificultou o desenvolvimento das ações, já que alguns computadores acabaram sendo usados por mais de um aluno, o que gerou um enorme atraso na dinâmica da oficina. Mesmo com estes impedimentos, demos continuidade às atividades, solicitando aos alunos que acessassem o seu perfil social no Facebook e se direcionassem para a página do POE na referida rede social. Na Fanpage, os alunos puderam acessar outras postagens ali compartilhadas e seguiram fazendo comentários a respeito do entendimento e do sentido que elas traziam para cada um deles.

O último dia de intervenção também foi desenvolvido no laboratório de informática da escola e contou com um número menor de alunos, dado ao fato de alguns que haviam participado das etapas anteriores estarem ausentes na atividade

programada para aquele dia. Isso acabou facilitando na distribuição de alunos por computadores, mas foi uma dificuldade para fazer as análises, já que o quantitativo de alunos que participaram de todos os três momentos foi bastante reduzido. Para este terceiro dia, preparamos uma pequena aula explanando por meio de exemplos encontrados na própria rede social sobre os gêneros textuais mais recorrentes nesses ambientes e, a partir dessa explicação, pedimos que escolhessem publicações diversas sobre o tema trabalhado (consciência e comportamento ecológico) para compartilharem em suas páginas pessoais e marcando⁶ a página do POE no Facebook.

A oficina de leitura foi finalizada com a aplicação de um questionário que intencionou desvelar a avaliação dos alunos quanto a sua participação; a própria dinâmica, estrutura e validade da oficina; assim como perceber como eles percebiam o uso das redes sociais na lide escolar. O emprego do questionário foi feito com duas semanas da realização da oficina no intuito, também, de verificar se os alunos ainda se recordavam das postagens trabalhadas.

Espaço Dinâmico e Comunitário de Aprendizagem: O uso das redes sociais virtuais como ferramenta pedagógica facilitadora das práticas de leitura

Como dito, a oficina aconteceu na escola E. E. Arthur Araújo na última semana do mês de outubro de 2014 e teve como objetivo principal verificar aspectos relevantes que pudesse emergir das vivências e experiências de leitura dos estudantes envolvidos no POE, evidenciando as contribuições decorrentes do uso do Facebook como recurso pedagógico mediador na aplicação das estratégias de leitura. Inicialmente, intencionamos observar como que os alunos manuseavam as redes sociais, para isso, foi feita uma conversa informal na qual eles puderam expor seus pontos de vista em relação ao modo como convivem com as redes. Os alunos se viam no que tange às postagens que eram feitas na Fan Page do POE no Facebook, então, foi aplicado um questionário que visou identificar as postagens veiculadas na página mais lembradas pelos alunos. Feito isso, foi elaborado dois gráficos a partir de duas perguntas que demonstram tanto as categorias das postagens que os mesmos consideram as mais interessantes da página, quanto os assuntos ou tópicos que eles gostariam que fossem divulgados nela.

Gráfico 1: Postagens mais lembradas da Fan Page pelo alunos

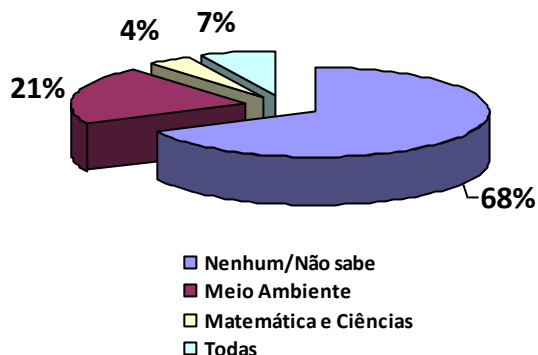
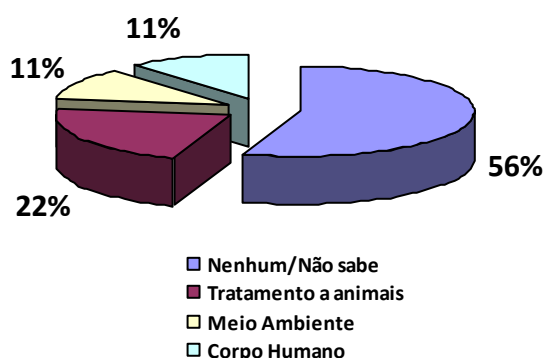


Gráfico 2: Principais áreas de interesse dos alunos



⁶ Recurso do Facebook usado para que, quando um usuário faça uma postagem de certo conteúdo em sua página pessoal, ele possa 'chamar a atenção' de algumas pessoas que ele gostaria que acessassem aquela informação.

Fonte: Almeida, Gonzaga e Castelo Branco (2013)

Fonte: Almeida, Gonzaga e Castelo Branco (2013)

O que pudemos perceber é que embora vejam a Fan Page como um espaço interessante para conhecer os conteúdos das Ciências, os alunos não conseguem se identificar com aquilo que é veiculado nela. Isso é evidenciado nos 68% que não lembram de nenhuma das postagens realizadas, assim como também não sabem precisar quais delas fizeram mais sentido para eles. No entanto, cabe destacar que o restante desse percentual, 32%, vêm acompanhando a página e, mais, conseguem definir quais temáticas foram veiculadas e quais delas foram mais significativas.

Conforme os gráficos acima, destacamos que os assuntos sobre meio ambiente, o de maior proeminência da página, foi também o mais lembrado pelos estudantes com 21%. As atividades realizadas na sala interdisciplinar ganharam certo relevo já que 4% deles se recordaram das mesmas. Definir quais temáticas haviam sido trabalhadas na Fan Page é indício que houve uma aprendizagem, pois tendemos a recordar mais facilmente daquilo que faz sentido para nossa vida e com a qual nos identificamos.

Mesmo que o quantitativo de alunos que não memorizou, ou não se identificou com nenhuma das postagens tenha sido grande, outro dado relativo às temáticas de interesse dos alunos nos mostraram que boa parte deles, 53%, não anseia por informações e conhecimentos sobre quaisquer temáticas ligadas aos conteúdos escolares, evidenciando um dos maiores problemas observados durante a aplicação tanto das salas interdisciplinares quanto da oficina de leitura, que tange ao desinteresse latente dos alunos pelos afazeres e assuntos escolares. Esse desinteresse ficou demonstrado também na etapa da oficina de leitura em que alguns alunos que foram escolhidos resolveram não participar da oficina alegando que ficando na sala eles além de poderem continuar conversando com os colegas, não precisariam ficar fazendo nenhum tipo de exercício.

Como segunda etapa da oficina, foi proposta uma atividade interdisciplinar cujo ponto de partida foram situações dialógicas entre os conhecimentos de Língua Portuguesa e de Ciências em que uma área do saber contribuísse com estratégias de ensino que pudessem ser utilizadas para aquisição de conhecimentos da outra e, como base desse diálogo, usamos os descritores que ainda não haviam sido suficientemente desenvolvidos pelos alunos. Ela se pautou na análise dos registros feitos pelos alunos quando estes faziam a leitura das postagens na Fan Page do POE.

Foram destacadas cinco postagens referentes às campanhas publicitárias/comunitárias sobre poluição ambiental, através da qual se buscou que os alunos reconhecessem atitudes que demonstrassem um comportamento ecologicamente correto. Vale ressaltar que essa temática já havia sido trabalhada durante as salas interdisciplinares⁷ que também faziam parte das propostas do projeto para esta fase. O intuito era fazê-los participarem da vida das comunidades virtuais, dos perfis e/ou das fanpages, terreno fértil para gerar diversos

⁷ Sala interdisciplinar de Aprendizagem de Conhecimentos Matemáticos. Espaço de estudo e pesquisa de caráter interdisciplinar, que tinha como finalidade contribuir para a aprendizagem de conhecimentos matemáticos, a partir de situações dialógicas com os campos de conhecimento da Língua Portuguesa e do Ensino de Ciências.

comentários e debates. Através de suas diversidades de funções, esses espaços têm sido canais de grande fluxo na circulação de informações, vínculos, valores e discursos sociais que vem ampliando, delimitando e mesclando territórios, tornando-se, assim, um grande espaço para se repensar as relações em tempos pós-modernos. (MACHADO; TIJIBOY, 2005)

Depois do planejamento das ações da segunda fase da oficina, foram selecionados os participantes da mesma. Esse grupo, inicialmente, foi formado por dez alunos. Os critérios utilizados para a escolha dos mesmos baseou-se, primeiro, na participação ativa e comprometida destes nas salas interdisciplinares, o que implica que os cinco alunos que demonstraram maior interesse em participar das atividades e também os mais assíduos foram escolhidos. Selecionamos também outros cinco alunos, escolhidos seguindo o critério de estudantes que mais acessavam a Fanpage do POE.

A oficina iniciou em uma sala de estudos, na qual os alunos puderam visualizar uma postagem sobre poluição ambiental e se pediu, também, para que eles, a priori, descrevessem-na, identificando desde a finalidade do texto, os aspectos linguísticos e outras percepções próprias dos alunos. A seguir, foi solicitado que redigissem um comentário baseado na descrição realizada anteriormente. Os textos escritos foram corrigidos pelo condutor da oficina que se pautou apenas nas correções de cunho gramatical, mantendo o ponto de vista dos alunos. Para finalizar essa primeira atividade, foi solicitado a eles que fizessem comentários sobre a publicação utilizada a partir da correção feita em outro momento, de preferência em casa.

No entanto, a solicitação para que eles fizessem o comentário em casa não se consolidou como o esperado, já que entre os nove alunos presentes na atividade do dia anterior, apenas cinco deles produziram um relato, mas nenhum fez o comentário solicitado. Esse fato mostrou-nos que as atividades, para serem bem sucedidas, precisam ser perpetradas na presença de um tutor, já que a rede é um espaço aberto para várias atividades e as educativas ainda não são as de prioridade dos alunos. E mais, os alunos precisam sentir-se à vontade na ferramenta para poderem produzir algum tipo de comentário, o que acontecerá principalmente quando o assunto tiver uma relevância significativa o que os induza a se expor de tal forma.

Embora tenhamos constatado que em suas páginas pessoais, a referida preocupação não tenha sido tão marcante, por se tratar de uma atividade vinculada ao espaço da escola, os alunos ainda se sentiram muito intimidados a tecerem algum comentário que pudesse não ser bem aceito tanto pelo professor quanto por seus pares. Esta temeridade é muito comum no ambiente escolar. Por esse motivo, as escolas devem cada vez mais oportunizar práticas que utilizem as redes sociais para dar significado às experiências dos alunos, servir como um espaço público de discussão sobre os diferentes temas propícios para trabalhar as relações, laços afetivos, diagnosticar preferências, desenvolver o pensamento holístico, trabalhar a linguagem digital, deparar com situações conflitantes sobre os mais variados assuntos, trabalhar cooperativamente assuntos de interesse do aluno e estabelecer inúmeras estratégias, de acordo com a criatividade e objetivos dos alunos e professores. Isso só consegue ser concretizado se se respeitar a área de interesse dos alunos, se servirem de respostas aos conflitos individuais e comunitários pelos quais passam durante essa fase (MACHADO e TIJIBOY, 2005).

No segundo dia de atividades, já com apenas seis alunos – em razão dos demais estarem envolvidos em outras atividades –, pedimos, mais uma vez, para que postassem a atividade solicitada no dia anterior, porém, surpreendentemente apenas um deles acabou postando, o que, a princípio, significou que o momento vivido na atividade do dia anterior já não era o mesmo na do dia seguinte e que, também, o fato de ter intervindo, ainda que gramaticalmente, pode ter representado para os alunos uma quebra de autoria. Soma-se a isto o fato de, no segundo dia, terem sido implementadas outras atividades planejadas para aquele momento.

Após essa tentativa, trabalhamos com outras postagens ainda sobre a temática da poluição ambiental. Logo na primeira visualização desta atividade, fizemos um entendimento completo do conteúdo e em seguida, pedimos para que eles fizessem um comentário. Esta mesma prática se repetiu até a última visualização. No entanto, à medida que nos encaminhávamos para as últimas postagens, a explicação era mais diminuta. Isso foi feito para que pudéssemos perceber se eles além de criar um roteiro e uma rotina de comentários, também passavam a ter mais autonomia para tal.

Mostramos a eles, então, a postagem abaixo, na qual, conforme explicação anterior, culminou no seguinte comentário de um dos sujeitos da pesquisa:

Figura 1: Primeira postagem usada na oficina



Fonte: Meio ambiente é vida, 2012

Ao observar essa imagem, percebi que cada vez mais os seres humanos continuam desmatando e poluindo o nosso meio ambiente e que se continuarmos com esses comportamentos, vamos acabar com nosso próprio meio ambiente e também com nosso clima que se prejudica na medida que desmatamos as florestas. Cada ser humano por sua vez deve ter uma consciência e um comportamento ecológico elevado, pois, se não fizermos, seremos os mais prejudicados no futuro (S. 3).

No momento em que se solicitou o comentário para essa postagem, por ter tido uma explanação maior e mais abrangente, os alunos ficaram um tanto acanhados para exporem seu ponto de vista já que acreditavam que eles não eram válidos e tão completos quanto os do condutor da atividade. Essa constatação foi feita a partir do

momento em que, à medida que iam diminuindo as explicações, mais eles passaram comentar sobre as postagens.

Esse quadro evidencia que estamos passando por mudanças, principalmente aquelas relativas às pedagógicas, já que se urge por um ensino centrado mais nas necessidades e anseios dos estudantes e, por isso, as práticas e processos de ensino e aprendizagem tradicionais, ainda em voga, têm encontrado cada vez mais dificuldade para se consolidar.

É nesse cenário que as redes sociais virtuais se apresentam como recurso que otimizam as práticas e processos de ensino e aprendizagem, já que o principal objetivo de seu uso é a criação de uma rede de contatos e de partilha de informação e de conhecimento, centradas nas áreas de interesse e nas necessidades dos seus usuários, que se alarga à medida das suas necessidades de comunicação e de desenvolvimento social também crescem (MIRANDA et al, 2011).

Seguimos com a aplicação da oficina, mostrando para os alunos a segunda postagem veiculada na Fanpage do POE. A partir dela emergiram os seguintes comentários:

Figura 2: Segunda postagem usada na oficina



Fonte: Juventude sustentável, 2013

Eu apoio! Reflorestar, Plantar, Cuidar, Etc..... São atividades muito simples e que valem muito... Um pouquinho de cada faz uma grande diferença... I Like [Sic] (S. 6).

Desmatar florestas para construir casas, edifícios, fábricas etc.. só contribuem cada vez mais para o aquecimento global, e a nossa cidade Manaus só esquenta mais e mais a cada dia! E como moramos nela, devemos fazer nossa parte: Plantar uma árvore!! [Sic] (S. 1).

Sim, eu apoio, mas com o desmatamento é impossível ter uma cidade menos quente por isso nos temos que espalhar essa ideia pela cidade onde vc mora [Sic] (S. 5).

Um dos objetivos da oficina era o reconhecimento de atitudes que demonstrassem um comportamento ecologicamente correto, assunto que foi bastante debatido durante as salas interdisciplinares e que consistia numa manifestação favorável às questões ambientais traduzidas em situações de consumo, podendo ser intencional, consciente carregada de autointeresse ou natural e introjetada. O que constatamos nas falas anteriores é que muitos deles demonstram ter consciência ambiental, já que comprovaram estar preocupado com a poluição do meio ambiente.

A mesma postura pode ser percebida na próxima postagem, quando os alunos se

dirigem diretamente aos seus interlocutores, “cobrando” deles os comportamentos necessários para que se reduzam o impacto ambiental de cada ser humano.

Figura 3: Terceira postagem usada na oficina



Fonte: Raízes, 2013

Também não jogue lixo nas ruas, achem um cesto de lixo para jogar seu lixo ou espere chegar em casa! (S. 2).

Só um saco plástico que você pega no supermercado, muitas vezes com poucos itens dentro, leva mais de 450 anos para se decompor no meio em que vivemos, enquanto um saco de papel apenas 1 mês, se parássemos pra pensar nessa ação e utilizássemos sacolas retornáveis muitos recursos naturais como o petróleo seriam poupados na natureza e não teríamos sacolas no meio ambiente por mais 4 séculos... (S. 1).

E você? Pratica alguma dessas ideias? São coisas simples e que podem mudar pelo menos a sua cidade, se começar por você mesmo. Depois passa a ideia para seu vizinho, que passa para outro, e assim continuam a compartilhar a ideia e vai melhorando a cidade. Pratique alguma das ideias, recicle o lixo, etc, e sinta a diferença (S. 4).

A partir dos trechos apresentados, foi possível constatar que os alunos conseguiram atender o segundo objetivo da oficina que era entender a finalidade do pôster de uma campanha comunitária. Chegamos a essa constatação em virtude deles terem suscitados de seus interlocutores ações tais quais aquelas mostradas pelo pôster e também relacionadas às aprendidas durante as atividades das salas interdisciplinares.

A quarta e última postagem serviu para mostrar o quanto essas atividades podem despertar o interesse dos alunos, já que em suas falas é possível perceber quão vislumbrados os alunos ficaram com a informação contida na postagem.

Figura 4: Quarta postagem usada na oficina

Fonte: Meio ambiente é vida, 2013

Achei muito legal esta novidade, nunca tinha visto nada parecido. Se podermos vamos compartilhar esta novidade (S. 3).

Muito Boa essa ideia... Criatividade é muito importante em relação ao meio ambiente, tem que ser algo que mostre impacto, algo que chame atenção não só de um mais pelo menos da maioria... Como a própria foto já diz - Meio Ambiente é Tudo. #EuApoio (S. 6).

Uma ideia muito legal. Se pelo menos muitos papéis que seriam utilizados fossem assim, acho que já ajudava muito o meio ambiente e melhorava muita coisa (S. 4).

Ainda que o saldo final da oficina tenha sido satisfatório, percebemos que, por ter sido uma temática escolhida unilateralmente pela equipe interventora, não foi possível alcançar todos os objetivos desejados durante o planejamento da oficina. Para isso, percebemos que as práticas que utilizem as redes sociais devem ser deveras flexíveis, devem, ainda, se constituírem a partir de um processo dinâmico de participação e envolvimento, cuja variação na intensidade e as formas da presença social e cognitiva dos seus membros aconteçam sempre obedecendo ao grau de interesse dos mesmos com a temática e com a metodologia usada. (MIRANDA et al, 2011).

No terceiro e último dia de atividades, solicitamos aos alunos que selecionassem uma postagem em outra página da internet ou em outros perfis e Fan Pages dentro do Facebook, partindo de um gênero textual que mais lhe agradasse. Em seguida, foi pedido que eles compartilhassem o material na sua página pessoal. Porém, mais uma vez houve uma barreira, já que apenas um aluno realizou a atividade conforme solicitado.

Nos momentos em que as atividades exigiam que os alunos interagissem nas ações através do seu perfil social, simplesmente não o fizeram. Isso acontecia muito por conta deles não se identificarem com a temática trabalhada. Chegamos a essa constatação dada à reincidência deste fato, pois, quando acompanhávamos uma das ações das salas interdisciplinares, ocorreu uma situação similar.

Uma semana após a realização da oficina de leitura, foi aplicado um questionário para os participantes da oficina. A aplicação do mesmo pautava-se em sete perguntas que tencionava saber o sentido dado por eles à oficina. A primeira delas indagava-os sobre a participação efetiva destes nos dias de oficina, já que a presença deles nas mesmas eram facultativas. Uma das respostas mais

significativas diz respeito à justificativa da ausência de um dos participantes em algumas atividades: “Apenas algumas [atividades], pois eu estava perdendo algumas aulas importantes, com assuntos novos.” (S. 1). A concomitância da oficina às aulas deu-se em virtude do trabalho com um público mais diminuto, mas conforme já combinado com o professor que permaneceu em sala de aula, os que saíam não sofriam nenhuma perda nem de rendimento tampouco de conteúdo. Nesse sentido, os alunos simplesmente optaram pela não participação nas atividades.

No entanto, para os que participaram da oficina, acreditamos que foi uma experiência engrandecedora, pois eles, após duas semanas decorridas da aplicação da oficina, conseguiram até mesmo detalhar as atividades realizadas. “*Do uso do facebook emitindo assim nossa opinião sobre diversos temas em várias publicações na página do POE.*” (S. 1). Como estávamos tratando sobre meio ambiente houve comentários a respeito de uma das postagens sobre o aquecimento global para qual um dos sujeitos lembrou-se dela da seguinte maneira: “*Sobre a foto que estava amostrando [sic] o tempo fora do normal.*” (S. 5). Podemos dizer ainda que ter participado destas atividades foi um momento prazeroso para os alunos já que em suas falas, eles demonstram ter aprendido bastante com elas. “*Participei de todas as atividades da oficina de leitura e achei tudo muito legal.*” (S. 3). Percebemos ainda que, mesmo tendo sido trabalhado uma temática relacionada ao cotidiano, os alunos passaram a valorizar mais ainda o conteúdo trabalhado. “*O aprendizado de coisas desconhecidas até então coisas simples, mas importantes.*” (S.4).

Quando perguntados sobre o uso dos recursos do facebook para aprendizagem, os alunos também demonstraram que a rede social pode ser uma ótima ferramenta pedagógica, facilitadora no processo ensino-aprendizagem. “*Sim, porque assim os alunos gostam de estar no facebook seria boa ideia usá-lo para aprender também.*” (S. 2). Entretanto, os próprios alunos alertam para que o uso seja feito com responsabilidade e planejamento, pois “*pode chamar mais atenção para o aluno, assim como pode distrair eles também.*” (S.4).

Constatamos que a oficina de leitura usada como recurso pedagógico facilitador do processo ensino-aprendizagem mediado por uma rede social, se bem utilizado pode trazer inúmeros benefícios e aprendizagens significativas. Isto pode ser visto na fala seguinte: “*Relembrando, alertando e ensinando sobre pequenas coisas que fazem a diferença no nosso dia-a-dia. Desde a escrita, diferenciando temas, até atividades nossas.*” (S. 4). Registramos ainda que com o progresso acentuado da tecnologia, faz-se cada vez mais necessário o uso mais frequente de ambientes virtuais de aprendizagem, principalmente estes que se configuram a partir de redes de relacionamentos e que permitem a exploração de novas formas de ensino e aprendizagem. São alternativas deveras interessantes, já que se apresentando como uma alternativa às plataformas tradicionais de aprendizagem, que cada vez mais têm encontrado resistência na contemporaneidade dos ciberespaços (MIRANDA et al, 2011).

Considerações Finais

No intuito de identificar as contribuições advindas do uso de espaços virtuais como percurso pedagógico que visa potencializar os processos de aprendizagem a partir de práticas de leitura nesses ambientes, percebemos que são de grande valia a utilização das redes sociais, já que, por meio dos seus inúmeros recursos, pode-se ensinar os mais variados conteúdos escolares. Com a oficina de leitura, constatamos que as redes sociais possibilitam, através dos seus inúmeros recursos, novas práticas pedagógicas, principalmente quando vinculadas às demandas e exigências da contemporaneidade.

No entanto, mesmo sendo uma ferramenta muito comum aos discentes, por isso, muito desejada por eles; ela deve ser usada de forma bastante planejada, sobretudo, atendendo às expectativas daqueles que a utilizarão, pois, se tratada apenas como um recurso alternativo para atrair a atenção dos alunos, pode se apresentar como uma grande cilada, dado o seu enorme potencial para atividades benéficas e maléficas.

Demos sequência a um projeto em execução na escola cuja temática não foi consoante às expectativas dos alunos, o que, a todo momento, gerava certos impedimentos, já que nos víamos induzindo-os e até mesmo forçando-os a executarem as tarefas que, como ficou evidenciado na pesquisa, não foram tão significativas por conta do tema trabalhado. Salientamos também que a falta de identificação com o assunto não foi o único impeditivo, durante a pesquisa, emergiu-se o fato do desinteresse acentuado e sistemático dos alunos com as atividades da lide escolar. Dessa forma, acreditamos que faz necessário ainda um contexto propício de interesses e de estrutura escolar para que essas estratégias sejam exitosas.

A estrutura escolar é colada aqui por conta dos vários fatores negativos que a mesma apresentava durante a nossa prática. Dentre eles podemos elencar os mais problemáticos: falta de apoio do corpo docente nas ações realizadas; infraestrutura totalmente inadequada com salas superlotadas, climatização deficitária, sala de informática com poucos computadores funcionando e usada como depósito de livros; alunos com distorções de idade-série acentuadas.

Essas condições criavam sempre um clima tenso para a execução das atividades. Por isso, acreditamos que, para que práticas como essa sejam bem sucedidas, é preciso que toda a dinâmica da escola coadune para o bom convívio e harmonia entre corpo escolar.

No que tange às referências bibliográficas utilizadas no trabalho, acreditamos que contribuíram para o entendimento das categorias trabalhadas e delinearão-nos em um caminho mais bem consolidado para a aplicação da metodologia. A descrição das ações usadas durante a oficina de leitura auxilia a literatura da área no entendimento das formas que a mesma favorece as práticas de leitura.

Os ambientes virtuais podem ser empregados como facilitadores das práticas de leitura, principalmente quando usadas de forma planejada e aberta a serem conduzidas pelos interesses dos alunos. Isso acontece pelo fato das redes sociais serem usadas demasiadamente em virtude de seus variados recursos, cabendo ao docente delinear-las ao contexto e às finalidades educacionais.

Referências

BANDURA, A. Social cognitive theory. In VASTA, R. **Annals** of child development. Vol. 6: Six theories of child development. Greenwich: JAI Press, 1989.

BAPTISTA, M. N. **Metodologias de pesquisa em ciências: análises quantitativas e qualitativas**. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

CASTELLS, M. A **Era da Informação: o poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HALL, M. **Facebook**. Enciclopédia Britânica Inc. 2012. Disponível em <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/1366111/Facebook>

MACHADO, J. R.; TIJIBOY, A. V. Redes Sociais Virtuais: um espaço para a efetivação da aprendizagem. **Revista Novas Tecnologias da Educação**. v. 3, n. 1, 2005. Disponível em: http://www.inf.ufes.br/~cvnascimento/artigos/a37_redessociaisvirtuais.pdf

MIRANDA, L., et al. Redes sociais na aprendizagem. In BARROS, D. M. V. et al. **Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas**. Lisboa : [s.n], 2011.

RICOTTA, F. Estatísticas do Facebook no Brasil em maio 2013. Disponível em: <http://www.agenciamestre.com/marketing-digital/estatisticas-do-facebook-no-brasil-em-maio>.

SOARES, A. T. **Redes Sociais e aprendizagem informal: empregando as perspectivas dos sites de redes sociais para compreender a aprendizagem social**. In: Marcel Ayres; Renata Cerqueira; Tarcízio Silva; Danila Dourado; PaperCliQ. (Org.). **#Mídias Sociais: Perspectivas, Tendências e Reflexões**. Salvador: E-book, 2010, v. 1, p. 88-95.

SAFKO, L.; BRAKE, D. K. **A bíblia da mídia social: táticas, ferramentas e estratégias para construir e transformar negócios** (trad. James Gama). São Paulo: Blucher, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**: São Paulo: Atlas, 2008.